



REGUA — Na ponte do Córgo

(Cliché de A. Teixeira).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR e EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.
A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.
Extrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Monte-Pio da Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

o clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º: Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º: Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de malestia actual, ou habitual (pataavras textuaes).—3.º: Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaça.

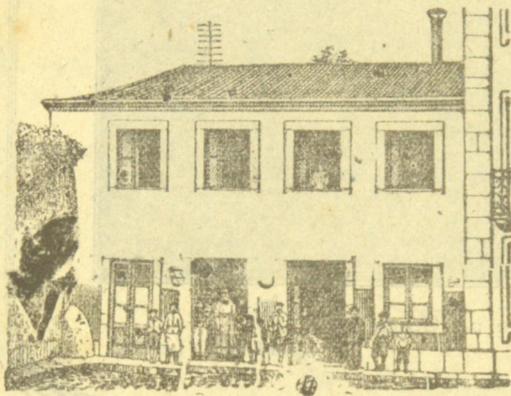
Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

Este, concede subsídio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; têm direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no retiro do jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrução Primaria..

Colégio Académico

GUIMARÃES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

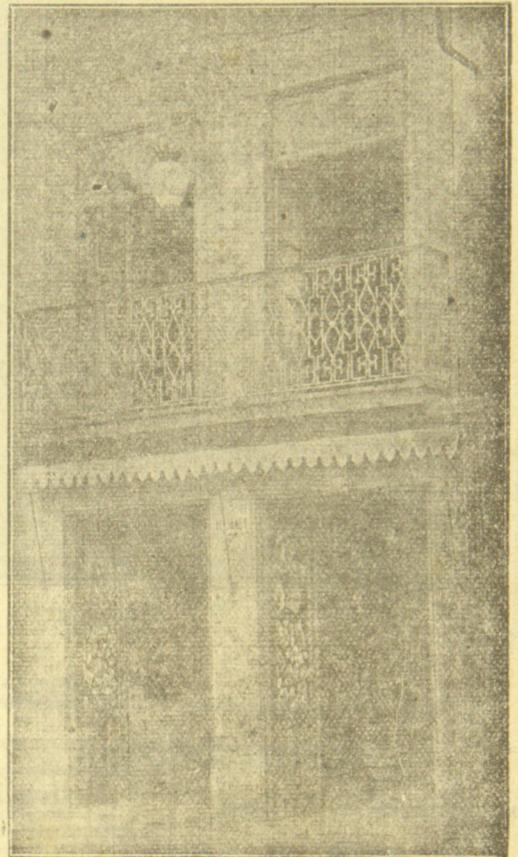
Bons resultados nos exames e
sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

Dr. Alfredo Peixoto

Luiz Gonzaga Pereira

P.º José Maria dos Santos



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 16 de Novembro de 1918

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 281—Anno VI



Costumes africanos — Uma mãe, com o seu filho, tirando agua de um poço.

(Quadro de Lazaro)



O primeiro dia de paz?

Le jour de victoire est arrivé!...



Ol a primeira phrase que ouvi ao sehir da estação. Quatro marujos francezes de braço dado, iam entoando a *Marselhesa*. Em redor um rapazio que procurava acompanhar o canto; populares em chusma a dar vivas á França, e morras á Allemanha e... aos açambarcadores; fachadas de predios illuminadas, amostrando bandeiras das nações da Entente; uma musica que passa, e esta pergunta a circular, a circular, a circular, e sempre sem resposta positiva:

— Que ha de Hespanha?

Contam-se boatos: a republica em Barcelona e em Valencia...

— O Lerroux bem a prometteu, lembrou logo um ledor de folhas.

E instinctivamente suppura uma indigna má vontade contra o visinha do lado, má vontade que ouvi traduzida n'um grupo de populares, na proposta da inevitavel manifestaçãozinha ao consulado...

Já lá dizia o serrador na bouça:

— quem serra de cima serra bem. E agora os exaltados não occultam o desejo de vêr a Hespanha pagar a neutralidade com humilhações. Um telegramma do «Século» que insinúa a apropriação violenta em Algeciras pela esquadra ingleza dos barcos allemães cedidos por Berlim ao governo de Madrid, dá alas ao boato e ao regosijo. Ao chegar a casa um amigo diz-me de Lisboa que «a situação hespanhola é seriíssima» e que «ha grandes difficuldades levantadas pelos alliados, para se vingarem do germanophilismo das classes conservadoras d'essa nação». E accrescentava: «Nada admiraria que a monarchia cahisse».

Abro outra carta, de Lisboa. Esta falla da situação politica interna, e querem ouvir?

«A revolução alastra; o governo parece desorientado, descontentando tudo e todos, e os partidos, incluindo os monarchicos, tem pouca solidez. Receio que, se não houver juizo a tempo, caminharemos para uma revolução social.»

Assim diagnostica quem, servido por um brilhantissimo talento, conhece como muito poucos o direito e o avêso da politica portuguesa actual, e n'ella collabora até.

Sahí novamente. O mesmo movimento nas ruas, com o

mesmo aspecto de noite de S. João, com mais bandeiras. Os boatos continuam a correr.

E eu perguntava, recordando as informações que me chegavam, se aquella era na verdade, *le jour de la victoire*, o dia da paz — quando afinal as inquietações recresciam, os pontos de interrogação se perfilavam deante dos espiritos, como um gradeamento de prisão...

Não ha, na verdade, em horas de perturbação, nada que tanto irrite como a imperfencia. N'esse momento só desejamos que nos deixem a sós, comnosco mesmos, abandonados á introversão do pensamento que nos mina as profundezas da alma.

Imagine o leitor que se achava como eu n'essa noite, e de repente lhe chega um cidadão sorridente que lhe bate no hombro e que o força a voltar-se para receber esta pergunta:

— Então quem teve rasão? Eu não lhe dizia: os alliados venciam... Você era um germanophilo...

E a gente que tem de aturar tantos bandarres!

Porque está a acontecer com a victoria dos alliados o mesmo que aconteceu com o 5 d'outubro, ha 8 annos: ha alliadophilos aos centos, que digo? aos milheiros, como então, havia republicanos, e dos historicos. E todos insistem no estribilho: — *eu não lh'o dizia?* bolsando o epitheto de germanophilo a quantos, como eu, sempre aborreceram gollilhas partidaristas e cada vez mais execram as phobias e as phobias a que se abordam as intelligencias incapazes de verem os problemas d'alto, de confessarem erros, de corrigirem delicadamente opiniões de abrangerem toda a complexidade de questões gravissimas — que não se resolvem só porque o *Kaiser* abdicou. Wilson fez um discurso, ou o sr. Machado Santos deu em vasa barris com o projecto da amistosidade com as esquerdas...

E se amanhã o sovietismo arrasar a casa d'esses indelicados impertinentes, deixando-os na penúria, e qualquer de nós se achegar a elles e lhes repetir o *eu bem lhe dizia!*... com que cara nos hão-de fitar?

Porventura é motivo de alegria esse clarão de anarchia que desafia a luz do decantado sol da victoria em todos os paizes do mundo?

F. V.



VIDA INTENSA



Por J. de Faria Machado.

O momento



CONTINUAMOS na mesma. Nem a gravidade do momento espicaça a portuguezissima inercia, dá emfim o empurrão decisivo. E cada minuto, que passa é minuto dolorosamente perdido!

O liquidar da paz vae ser mais perigoso, mais fatal, para o destino das nações que todos os sinistros horrores d'uma guerra, que finda não pela sorte das armas mas pela mais tremenda decomposição de poder, que a historia regista. E, no emtanto, nada se faz, nada se tenta fazer no sentido d'attenuar a tremenda crise que se avizinha e que mal poderemos supportar. Vivemos as mais terriveis horas de inconsciencia, que uma nacionalidade pode viver. Tudo tem limites e no nosso horisonte politico divisam-se já — a não haver um rasgo energico de juizo — as tragicas balizas do destino.

E' tempo de pensar a valer na nossa sorte, porque tamanha inercia toca as raias da cobardia.

Como poderemos ir á paz sem que a ordem inferna se restabeleça, sem que os nossos actos collectivos, os nossos propositos emfim, traduzam garantia, estabilidade, força? A contar com revoluções quasi diarias, n'um perenne estado de sitio, que envergonharia a mais insalubre republiceta do sul, com um governo sem preparação, sem plano, composto d'estadistas d'improviso, — comparsas de muita vaidade teimosa a querer revitalisar o que não tem vida, a fortificar o que não tem força — não poderemos apresentar-nos na grande assembleia das nações a pugnar por tantissimos interesses ameaçados, que tem feito o governo no sentido de definir a nossa attitude perante a cupidez extranha de certos povos, que olham com appetite de *gourmets* politicos o nosso dominio colonial?! E teremos nós — horri-

vel verdade! — o direito de, lá longe, em plena conferencia da paz, pugnar por esses direitos, tal como estamos, desorganizados, nos humbraes da anarchia, deixando inteiramente ao abandono essas fertilissimas regiões, que oito annos tragicos de desvarios, d'incompetencia collocaram n'uma angustiosa situação de abandono?!

Julga o governo que, pensando em arranjar diplomata acreditado que nos represente, só com isso resolve o gravissimo problema, como se para isso apenas fosse necessaria a erudicção colonial do sr. Rosado, ou a superficialidade eloquente do sr. Cunha e Costa. Mas que poderão fazer esses homens se atraz de si não tiverem a força que dimana d'um governo d'ordem, com estabilidade que garanta, com disciplina que tranquilise e convença?!

E' necessario que esta situação se modifique de vez, e que um governo nacional, um governo de força, que liquide todo o fermento de rebellião, nos diga o que vamos fazer á paz, nós que ainda hoje desgraçadamente, não sabemos o que fomos buscar á guerra, nos ofereça garantias solemnes de que nos sabermos honrar e proteger.

Ora esse governo, — afora as qualidades pessoas de todos esses improvisados estadistas, que podem ser excellentes d'intenções mas falhos de preparação e de saber — não está ainda de posse dos sellos d'estado, e é absolutamente indispensavel que o esteja, custe o que custar, dêa a quem doer, a bem ou á força, porque acima de partidarios, de regimen, a patria que é de todos nós, paira ameaçada, cruelmente ferida de perigos e dissabores.

Se a inercia não se aballa n'este momento, então sim, siga a caranguejola para o barranco, porque os cobardes não tem direito de viver. Nem os cobardes nem os tolos.





DE FREY GIL DA SOLEDADE,
BRESSO DA PALPERRA.

LXII

O nariz na psychologia



Das alturas do verão LI houve descaminho de original, que durante o verão não pude remediar. Seguiu-se, por não interromper os serões, a publicação de materias para o *Diccionario enygmatico portuguez*, que só mais tarde devia apparecer. Agora, de regresso á cella do meu convento, reato a serie de artigos sobre o nariz, entremecendo-os com outros assumptos, para variar e contentar ao maior numero.

Como no serão LI houvera um salto, convém que os leitores liquem este serão áquelle, na devida altura, e porisso reproduzimos o perdido que começa *Com tudo é difficil...* para remediar a lacuna. E vamos para a frente de mão no nariz por causa do vento.

Com tudo é difficil encontrar em os nossos tempos modernos esses narizes perpendiculares que os artistas grêgos costumavam dar ás suas estatuas, e isto é um aperfeiçoamento, e uma felicidade, se devemos dar credito a Lavater porque este auctor pretende que *um nariz não é physionomicamente bom, ou signal de grandeza d'animo e d'engenhno, senão quando apresenta inflexões suaves, ondulações delicadas, ou encarnas mais ou menos assignaladas; e accrescenta: onde não notar desuma leve inclinação. uma especie de resalto na passagem da testa para o nariz, salvo se o nariz fôr muito recurvado, não espereis descobrir o menor signal de nobreza, e magnanimidade.*

Os Persas julgavam de tanta monta o caracter de que fallamos, dos narizes aquilinos elevadissimos, que não reconheceriam de bom grado por seu rei um principe que o não tivesse; e eis a razão porque certos eunucos eram especialmente incumbidos de amolecer os narizes dos reaes infantas da Persia.

Tem-se notado que em certas familias a semelhança dos narizes formava o caracter distinctivo e hereditario; e esta transmissão de uma geração á outra encontra-se principalmente nas classes ociosas e polidas, a que um estado de constante felicidade permittie a escolha de suas allianças matrimoniaes, e o gozo de uma vida livre de estorvos e vicissitudes; e na realidade estas pessoas providas de um nariz aquilino mui raras vezes se applicam a trabalhos corporeos (os quaes quasi sempre modificam a organização) e de ordinario são emprehendedoras, e desmedidamente ambiciosas. A familia dos Borroneus era d'esta laia, o que fazia com que o chefe da casa dissesse, dirigindo-se a um mancebo seu parente, ainda mais inquietos do que todos os outros: »Sêde tão eloquente e virtuoso quanto puderdes; procurae ser douto, o que não é obra d'um dia; elevai-vos muios embora ao grau de erudito... mas fazei-nos a

mercê, meu caro amigo, de não ambicionardes de ser santo: a canonisação do vosso primo Carlos arruinou a nossa familia!»

Um grande nariz coroado d'uma testa espaçosa e proeminente, de que o separa um leve chanfro indica uma sêde abrasadora de mando, a firme vontade de superar os obstaculos e a perseverança necessaria para combatê-los, não a circumspecção que o esquivia, nem a previsão que sabe dissipá-los. A physionomia de Napoleão revelara estas qualidades.

Quando os olhos se acham quasi a nivel com o nariz, é mui provavel que o espirito seja fraco, a vontade intensa, o bom juizo nullo.

O nariz que sae logo da testa, sem resalto nem recorte intermedios, é quasi sempre o indicio de caprichos pueris, de excessiva vaidade e algumas vezes dos vicios e da baixaza.

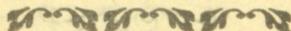
Nada faz o homem tão desprezivel e apto para andar de rojo aos pés dos poderosos, como a irresistivel pensão de obter uma auctoridade que elle não pode conquistar com as suas proprias forças.

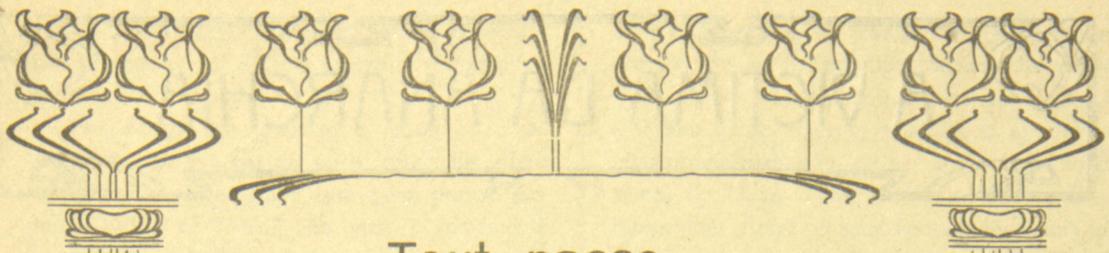
A ambição da gente d'esta vil estofa costuma aplanar a estrada do despotismo e da tyrannia: tal era o nariz de Narcizo, valido do imperador Claudio.

Um nariz aquilino annuncia commumente altivez e ambição: é o dos biliosos melancolicos. A grandes narizes correspondem ordinariamente barba cerrada, olhos negros ou pardos, e cabellos pretos e asperos. A maior parte dos grandes politicos, os mais celebres ambiciosos, e muitos grandes poetas, e illustres prosadores, se fizeram notaveis por narizes de grandes dimensões: Cyro, Constantino Macchiavelo, Luiz XI, Catilina, Rabelais, a maioria dos escriptores do seculo de Luiz XIV. Schiller, Cuvier, etc. etc.

Um nariz mediocre e afilado é indicio de viva sensibilidade, de imaginação, de entusiasmo, algumas vezes de agudeza, de habilidade, de astucia: tal é o das pessoas nervosas. Todavia (diz o doutor Isidoro Bourbon, auctor do presente artigo) eu tenho visto narizes grossos conciliarem-se com uma habilidade tão desmarcada, que parecia ameaçar as barreiras da probidade.

Concluir-se-ha no proximo n.º





Tout passe...

O tempo passa, passa a mocidade,
Os ventos passam, passa a Primavera;
Vae-se a bonança, vae-se a tempestade,
Vae-se o Sonho, a Illusão, vae-se a Chimera;

Vae-se a luz e o som. Desapparece,
Na curva incandescida do Poente,
O sol, como que absorto n'uma prece
De maguado e repêso penitente.

Vão-se as noites na noite do Passado,
Passam os dias envoltos na amargura,
Tout passe n'uma louca correria...

Só o amor, puro, grande, immaculado,
Que por ti nutro, esse sempre dura:
Nunca acaba — mas cresce dia a dia.

Braga, Novembro — 1918.

Eugenio Soeiro.

Ave Maria

Ave Maria, formosa,
Cheia de graça infinita!
Comvosco é Deus, linda rosa,
Entre as mulheres bendita!

Bemdito é também o fructo,
Do vosso ventre, Senhora!
É Jesus que despe o lucto
A toda a alma peccadora!

Santa Maria, flôr pura,
Mãe de Deus e mãe de dôres!
Gemem filhos na amargura;
Rogae por nós peccadores!

Agora e nas horas tristes
Da nossa morte valei-nos!
E já que o ceu nos abristes,
Um dia lá recebei-nos!

P.º Nunes Tavares.

A VÍCTIMA DA ANARCHIA

O conde Estevão Tisza



conde de Tisza, contam os jornaes, morreu assassinado ha dias em Vienna. Quem era elle?

A's trez tem vez, diz o povo. Se a memoria nos não falha, foi á quarta tentativa que o conde Estevão Tisza de Boros Jenó e Szeged, de 57 annos, filho de Coloman Tisza, cahiu vencido para sempre.

A primeira tentativa foi em junho de 1912. Tisza presidia á Camara hungara com a arbitrariedade e violencia que caracterisavam os seus actos politicos. Jameis parlamento algum foi testemunha de semelhantes escandalos. A obstrução durou trez dias e outras tantas noites: com estrepitosos ruidos, assobios, tambores e buzinas. Tisza expulsou 36 deputados e, quizessem-no ou não, impoz silencio aos restantes representantes fazendo-os voitar, sem discussões nem condições, o projecto de lei combatido. Um deputado exasperou-se, puxou de um revólver e disparou contra o presidente. Tisza escapou illeso. Em seguida provocou o conde Karveu a duello e feriu-o com uma sabrada. Foi este um dos seus muitos duellos...

Os dois seguintes attentados occorrêram em principios de 1917. As sociedades secretas declaravam o conde Tisza responsavel pelas desgraças que affligiam o povo e juráram matá-lo.

Ao percorrer um dia a ponte que dá para o parlamento de Budapesth, dois rapazes fizeram fogo sobre elle sem o attingir. Um dos auctores conseguiu fugir, o outro esperneou na forca vinte e quatro horas depois. As sociedades secretas prometteram vingá-lo e o terceiro attentado logo sobreveio. No mesmo dia em

que Tisza foi nomeado vice-rei da Hungria, de entre a multidão que se agglomerava em frente do parlamento partiram dois tiros. Uma bala atravessou o chapéu de Tisza; mas a policia pôde agarrar o auctor do attentado.

Por crimes do poder, o conde Andrassy escreveu ha anno e meio no *Madgyar Hirlap* que «era necessario fusilar Tisza», e a sua morte se não foi consequencia d'um fuzilamen-



Vianna do Castello — Ponte do caminho de ferro sobre a ribeira de Affife.

(Cliché do phot. am. snr. Tan)

to legal, em alguma coisa se lhe parece pelo agente e pela arma que lhe arrancaram a vida.

Testis traçou esta recordação episódica do homem que viveu resistindo, annos e annos, a uma atmosphera ameaçadora de terror:

«Certa noite tive um visinho de meza no Orzagos-Club, de Budapesth. Era de ar distincto, com a suprema desenvoltura de um dilettante de elegancias e musicas de zingaros. A voz soava-lhe mui doce. As maneiras possuíam uma singular delicadeza...

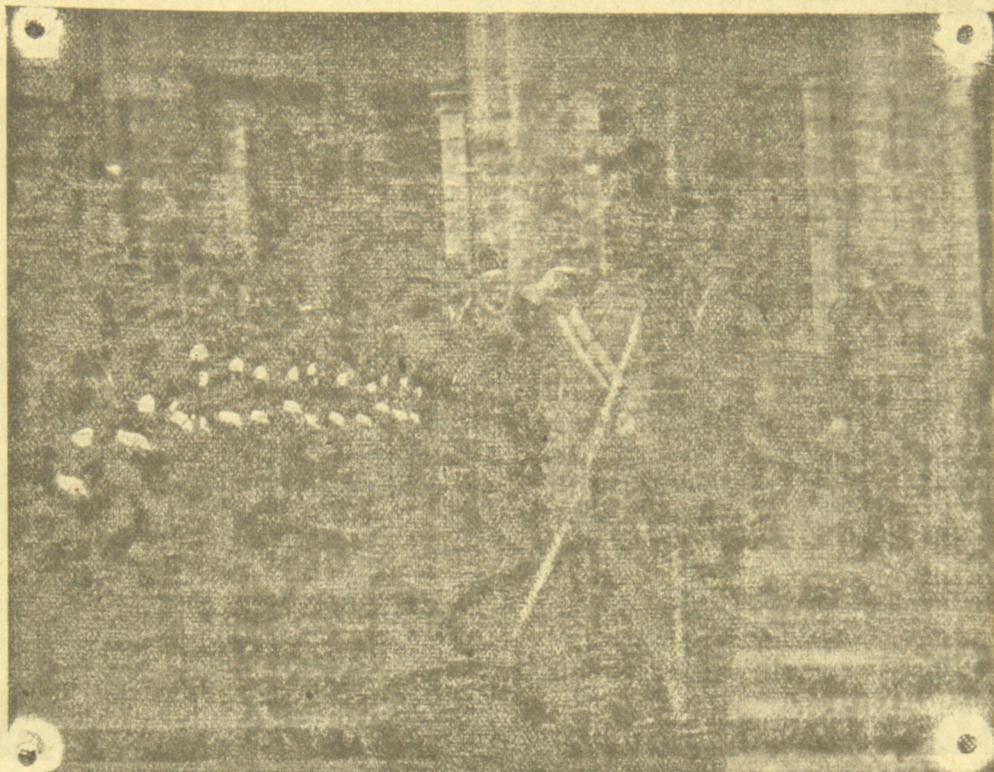
Ainda não voltei do meu assombro: — aquelle meu visinho de meza era o terrivel Tisza!

Contemplêmol-o agora em qualquer retrato, e teremos, em relevo, as linhas dominantes da sua figura moral.

Por detraz dos grandes e redondos crystaes das suas lunêtas de ouro, fulgaram attentos os olhos; a barba é rala e um pouco hirsuta; todos os traços são viris e fortemente accentuados. A figura tem tanto de canino como de leonino e presente-se logo que o seu possuidor é dos que atacam e mordem. Aquelle homem de rigida fronte e energico parecer nada temia. Desde 1903, em que pela primeira

thmam-Holweg e ao conde Stürgkh. Accusavam-no de ser o principal artifice da guerra. Por sua causa ameaçou a Austria á Servia. Por sua causa viu esta repellida o seu offerecimento ou proposta de ser submettido ao tribunal da Haya o seu conflicto com a dupla monarchia. Entre os seus concidadãos, uns idolatravam-no até por elle arriscarem a vida, outros aborreciam-no até á demencia, até o condemnarem á morte e renovarem os attentados, até o matarem por fim!

Poucos dias antes de morrer declarou na



Lisboa — O presidente da republica sahindo da Basilica da Estrelia onde assistiu ao Te-Deum celebrado em acção de graças pelo triumpho dos alliados.

vez occupou o poder, sempre esteve em conflicto com as Camaras e as oposições, impondo-lhes a sua vontade em medidas dictatoriaes e até com verdadeiros golpes d'estado. Desde que começou a guerra tão depressa afagava em Berlim como ameaçava em Vienna e reciprocamente, segundo convinha á sua pátria hungara e á sua estabilidade politica. O zingaro elegante e de voz melliflua era um politico subtil que timbrava nas artes de intrigar e enganar o inimigo.

Os alliados detestavam-no como a nenhum outro politico inimigo: mais que a Be-

camara hungara que em 1914 aconselhára o imperador Francisco José a que não declarasse a guerra.

— De que vale testificar com os mortos? interromperam-no.

André Duboscq, disse que elle era o homem mais habil e ao mesmo tempo mais cynico do reino. Que se propuzêra elle ao fazer tal declaração? Conjurar as iras populares que começavam de desencadear-se contra elle, ou reduzir a distancia que podia separal-o da opposição chefiada pelo conde Karoly, já senhora do poder?

O precitado escriptor recordou o anno de 1916, e em que circumstancias reconstruiu o conde Karoly o partido da independencia e quaes eram «os subversivos, quasi todos sem a menor auctoridade real», que em volta de si se agruparam.

A acreditarmos em Duboscq, Karoly e os seus amigos foram quiçá — sem de tal darem conta — uns joguêtes sagazmente movidos pelas mãos de Tisza. Assim, quando os russos pela primeira vez ameaçaram as planuras húngaras do berço dos Carpathos, a opposição claramente exprimiu o desejo de vêr proclamar a

E aquelle luctador morreu como todos os que luctam, sob o pezo das iras populares em revolta, açuladas pelos adversarios inexoraveis.

Contra o seu costume, no dia 1 de novembro o conde Tisza permaneceu em casa. A' sua porta havia um piquete de seis guardas.

A's 5 e um quarto, tres soldados de bayoneta calada conseguiram abrir a fechadura automatica da porta principal, entraram no vestibulo e d'alli no salão.

O conde apresentou-se acompanhado de sua esposa e da condessa Almesy e perguntou



Lisboa — A chegada das tropas vindas de França. Um aspecto do desembarque.

independencia hungara. Berlim e Vienna sobresaltaram-se receando uma paz separada e a Allemanha teve que expedir consideraveis forças para a Hungria para deter a invasão. Os russos retrocederam: Karoly não fallou mais de separatismo... e Tisza, mais forte que d'antes, foi designado primeiro ministro da dupla monarchia. Atribuia-se-lhe o designio de utilizar os mesmos elementos no dia em que fosse preciso negociar com a Entente... Esses elementos que elle tão bem soubera manobrar na sombra, talvez negociassem com a Entente, mas o conde de Tisza já nada aproveitara com isso — morrêra.

aos soldados o que queriam, ao que um d'elles respondeu :

— Diga-me o que tem na mão.

— Um revolver — disse o conde Tisza.

— Largue-o — disseram os soldados.

— Não me separo do meu revolver — affirmou o antigo chefe do governo — enquanto não tiverem tambem abandonado as suas armas. Os soldados pediram ás senhoras que se afastassem, ao que ellas se negaram.

Então, um dos soldados declarou ao conde:

— O snr. é o responsavel da morte de milhares de homens, visto que é o causador da guerra.



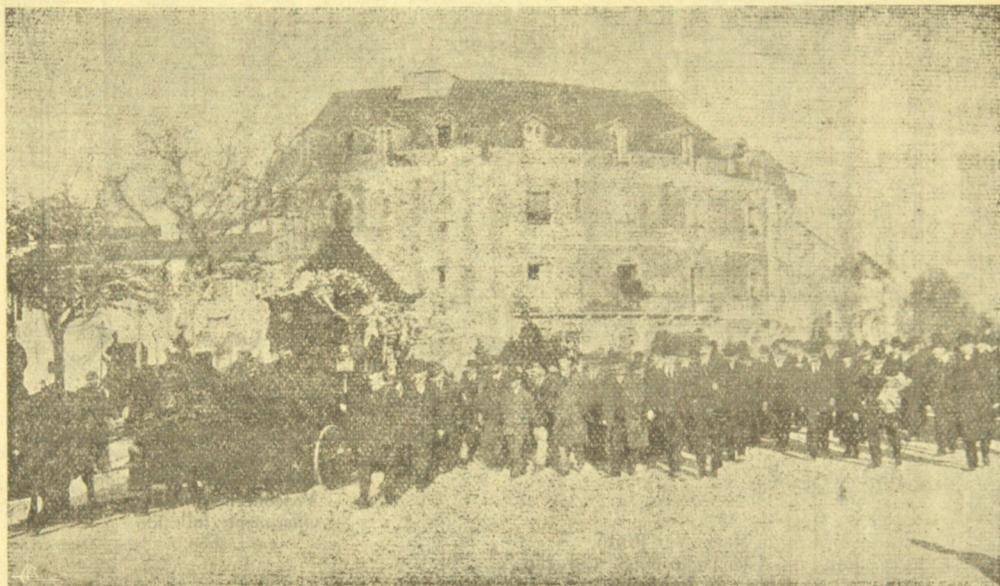
Lisboa — A chegada das tropas vindas de França. O sr. Presidente da Republica com o general inglez Bernardiston e o sr. Arcebispo de Mytilene assistindo ao desembarque.

As duas condessas negaram-se de novo a afastar-se, apesar do pedido que para tal fizeram os soldados. Então, estes apontaram as espingardas e dispararam tres tiros, que feriram o conde Tisza, o qual caiu entre sua esposa e condessa Almessy, pronunciando estas ultimas palavras :

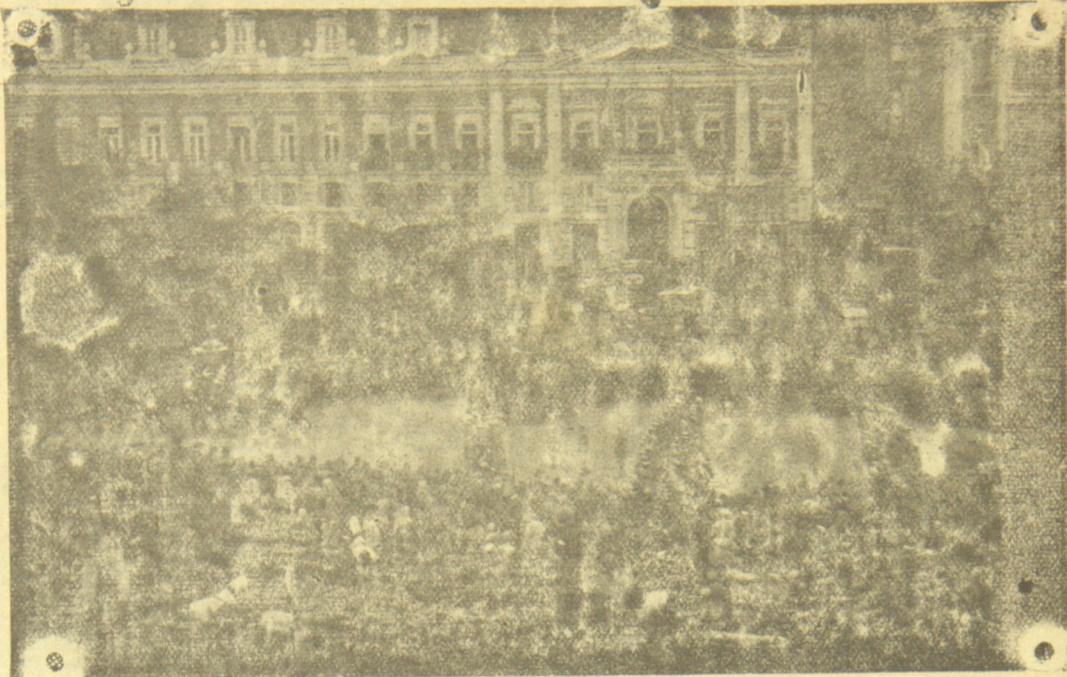
— Estou ferido. Morro. Isto tinha que ser. Os soldados saíram da casa e os guardas abandonaram o seu posto.

Tal o fim do estadista hungaro, uma das grandes figuras politicas da guerra que acabou.

F. d'Almeida



Lisboa — Um aspecto do funeral do sr. Eduardo Coelho, filho do fundador do «Diário de Noticias» e seu actual proprietario.



1900 — Parada militar do dia 20 do corrente. Desfile das tropas deante do sr. Presidente da Republica, na Avenida.



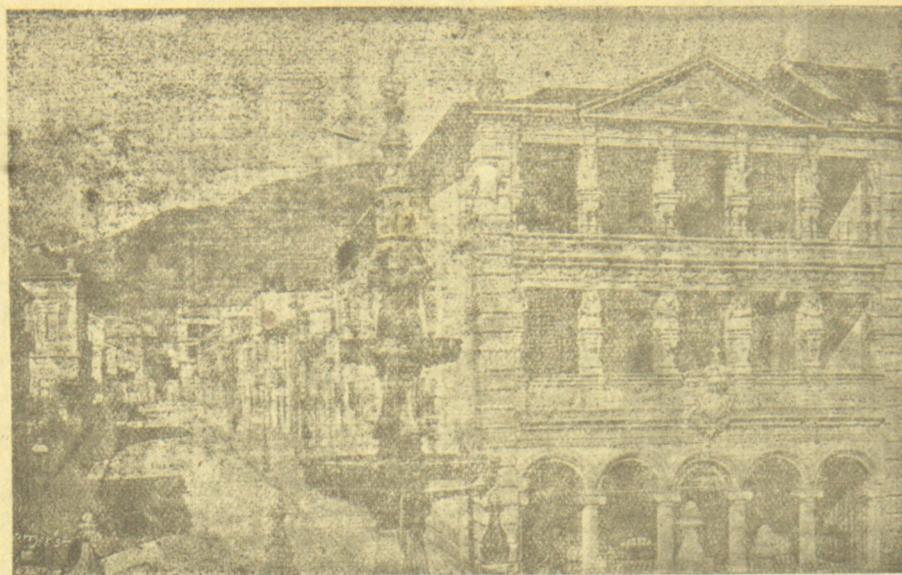
D. Emilia Maria Vaz Pinto,
Presidente da Associação do S. Coração
de Jesus, da freguesia
de Santa Eulalia, de Arouca e directora
do grupo de cantoras da mesma
freguesia.



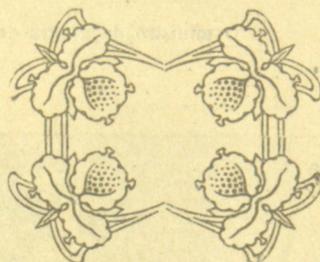
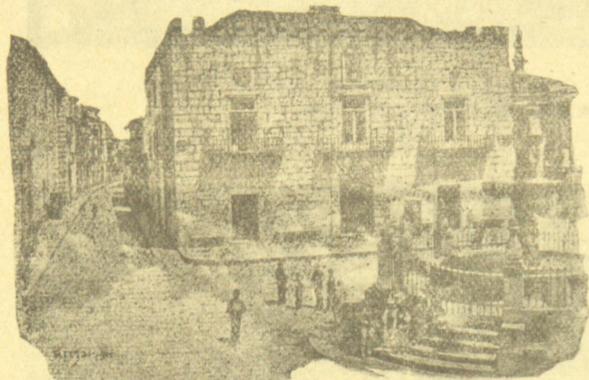
Guilherme Augusto de Vasconcellos Maia,
filho do saudoso
jornalista catholico dr. Placido
Vasconcellos Maia,
ultimamente fallecido
em Lisboa.



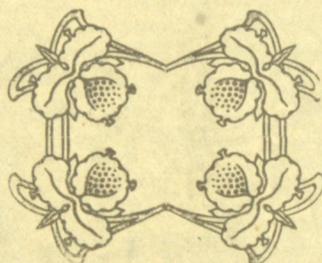
Pela nossa terra



Vianna do Castelo — Misericórdia, Chafariz da Praça da Rainha e rua da Carreira.



Vianna do Castelo — Edifício da Câmara Municipal.



Vianna do Castelo — Estação do Caminho de ferro.



O ministro da guerra do Canadá observando a construção de fornos de barro para cosinhar o rancho.



Acampamento de tropas anglo-africanas estabelecido no interior d'uma das colonias tomadas aos allemães.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres
e maritimos, grèves, e tumultos em mobílias
e edificios particulares, segura a Companhia
Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa. Largo S. Julião
19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sot-
to-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoa
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha
Largo do Barão de S. Martinha—BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de escultura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmóniums, oculos, pincez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Vilela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^o Villela & Irmão

82—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA